

**DE TUDO UM POUCO: O MATERIAL CERÂMICO ENCONTRADO EM DOIS SÍTIOS
MULTICOMPONENCIAIS DO BAIXO MADEIRA**
A BIT OF EVERYTHING: THE CERAMIC REMAINS FOUND IN TWO MULTI-
COMPONENTIAL SITES BY THE LOWER MADEIRA RIVER

Jaqueline Belletti
Alexandre Hering
Cássia Bars Hering
Gilmar Henriques
Thiago Trindade
Catarina Ribeiro Calheiros
Raul Perigo Melo

Vol. XIII | n°25 | 2016 | ISSN 2316 8412



DE TUDO UM POUCO: o material cerâmico encontrado em dois sítios multicomponenciais do Baixo Madeira

Jaqueline Belletti¹
Alexandre Hering¹
Cássia Bars Hering¹
Gilmar Henriques¹
Thiago Trindade¹
Catarina Ribeiro Calheiros¹
Raul Perigo Melo¹

Resumo: Este artigo objetiva apresentar os resultados das análises cerâmicas realizadas com o material oriundo dos sítios Terra Preta e Urucurituba Velho, localizados em áreas do atual município de Autazes (AM). Os resultados dos trabalhos de campo e de laboratório apontaram para a presença de materiais associados a diferentes tradições ceramistas encontradas no Baixo Madeira, bem como levaram a indagações sobre os processos de formação de sítios multicomponenciais e as possíveis relações entre os conjuntos cerâmicos dessa região com outras áreas da Bacia Amazônica.

Palavras Chave: *Arqueologia Amazônica, Baixo Rio Madeira, sítios multicomponenciais, Análise cerâmica*

Abstract: This article presents the results of the analyses of the ceramic material collected in the archaeological sites Terra Preta and Urucurituba Velho, located in the region of Autazes (AM). Such results attested the presence of a relevant quantity of material remains, associated to many different ceramic traditions, in the Lower Madeira River region. These findings lead to new discussions about the possible relations of the ceramic remains from the Lower Madeira area, and other regions in the Amazon Basin.

Key Words: *Amazonian Archaeology, Lower Madeira River, multi-componential sites, pottery analysis*

O Baixo Madeira é descrito nos relatos etnohistóricos como uma região densamente povoada e com intensa mobilidade indígena (MENENDÉZ 1984/1985 e 1992). As pesquisas arqueológicas na região, iniciadas no âmbito do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas da Bacia Amazônica (PRONAPABA) (SIMÕES 1983; SIMÕES e LOPES 1987), e ampliadas e refinadas pelos trabalhos de Valle (2005) e Moraes (2013), parecem em alguma medida corroborar os dados trazidos pela etnohistória, pois apontam para presença de grande quantidade de sítios arqueológicos, muitos dos quais são multicomponenciais.

Nesse cenário de pesquisas, este artigo apresenta novos dados para a região através de análises do material cerâmico proveniente dos sítios Terra Preta (UTM central 21M 280715E / 9614954N²) e Urucurituba

¹ Arqueóloga - Consultoria em Arqueologia e Negócios Sócio-culturais

² Todas as coordenadas colocadas neste trabalho estão referenciadas pelo DATUM WGS84.

Velho (AM-CR-27) (UTM central 21M 286124E / 9608012N), localizados em áreas do atual município de Autazes, Amazonas (figura 1). O objetivo deste artigo é enquadrar esses dados dentro da problemática de pesquisa da região, discutindo assim aspectos como as classificações dos sítios arqueológicos na área do Baixo Madeira, sua composição e processo de formação. Os materiais encontrados conduzem também a um debate sobre as relações entre sítios dessa região com aqueles encontrados em outras áreas da Bacia Amazônica.

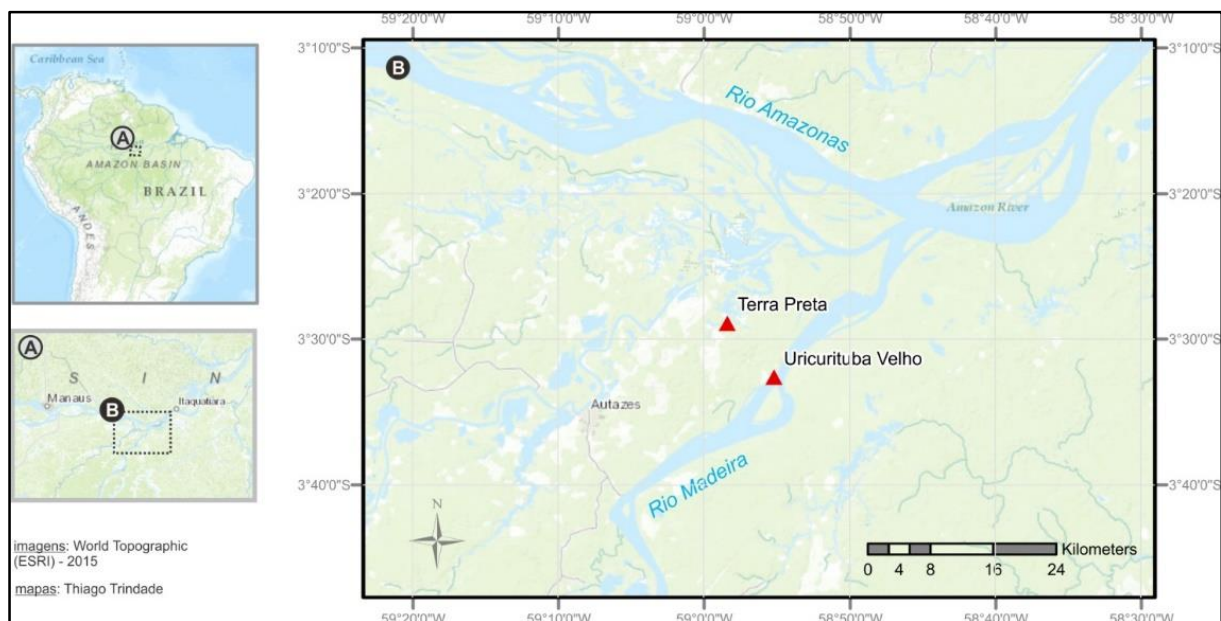


Figura 1: Localização dos sítios em estudo. (Autor: Thiago Trindade).

CONTEXTO REGIONAL: OS CONJUNTOS ARTEFATUAIS CERÂMICOS DO BAIXO MADEIRA E ÁREAS ADJACENTES³

As ações ligadas ao PRONAPABA demarcam o início das pesquisas arqueológicas sistemáticas na região do Baixo Madeira. Mais precisamente abaixo do rio Manicoré até o encontro com o Amazonas, Simões localizou dezenas de sítios, e definiu três conjuntos cerâmicos para região: a Fase Borba, que estaria relacionada à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA); e as Fases Axinim e Curralinho, que estariam vinculadas à Tradição Inciso-Ponteados (TIP) (SIMÕES 1983; SIMÕES e LOPES 1987)⁴.

Trabalhos recentes na região realizados por Valle (2005) Moraes (2013) registraram novos sítios, e uma revisão do quadro de fases da região. Moraes tem destacado a relação de proximidade entre a Fase

³ Os dados apresentados nesse item são oriundos da revisão bibliográfica de trabalhos realizados desde os anos de 1970 até o presente, sendo há claras diferenças nas nomenclaturas, bem como na construção das descrições realizadas pelos autores. Sempre que possível foi procurado diminuir tais diferenças.

⁴ As Fases Borba e Axinim não foram datadas por carbono 14. Simões e Lopes (1987, p.122) estimaram que a Fase Axinim era contemporânea à Fase Curralinho, que teria cronologia entre 800-1500 A.D. A Fase Borba foi considerada contemporânea à TPA no Madeira, Fases Pupunhas e Marmelos, mas sem estimativa de datas.

Axinim e a Fase Paredão da área de confluência dos rios Negro e Solimões (MORAES 2013: 20), associando a primeira à Tradição Borda Incisa (TBI). Quanto a Fase Curralinho o autor propõe que esse não seja um conjunto distinto dos outros, mas que os sítios usados para sua definição apresentariam tanto cerâmicas associadas à Tradição Polícroma como cerâmicas com incisões finas e modelados, semelhantes ao material Axinim (MORAES 2013: 144-148).

No sítio Vila Gomes⁵, Moraes (2013: 238) identificou um conjunto diferente das fases Axinim e Borba. Segundo ele, esse material teria alguma semelhança com à Fase Jauarí, da Tradição Hachurado-Zonado, identificada por Hilbert (1968) para o Baixo Amazonas. Contudo, as datas encontradas foram muito recentes, 900 A.D, para que o material se enquadrasse no conjunto antigo da Tradição Hachurado-Zonado (Tabela 1).

Tabela 1: Descrição e Cronologia dos conjuntos tecnológicos do Baixo Madeira.

Tradição/Fase	Descrição	Cronologia	Referências
Tradição Borda Incisa Fase Axinim	Pastas com predomínio de caixí, seguido de cariapé. Ocorrência de engobo ou banho vermelho, pintura bicroma ou polícroma, inciso, modelado, modelado ponteadado e polido, inciso (fino e largo).	700-1200 A.D	Simões e Lopes 1987 Moraes 2013
Tradição Inciso-Ponteadado Fase Curralinho	Pastas com predomínio de cariapé, seguido pelo de caixí. Engobo ou banho vermelho, polido, pintura polícroma, inciso (fino e largo), exciso e modelado.	800-1500 A.D	Simões e Lopes 1987
Tradição Polícroma da Amazônia Fase Borba	Pastas com predomínio de cariapé, seguido pelo de caixí. Engobo branco ou vermelho, pintura polícroma, inciso (fino, largo, dupla linha, vermelho, pintado e modelado), acanalado (simples e pintado), exciso, ponteadado, modelado e polido.	1200-1800 A.D	Simões e Lopes 1987 Moraes 2013

Foi também no contexto do PRONAPABA que Eurico Miller (1979, 1987) deu início, nos anos 1970, a suas pesquisas no Médio e Alto Madeira. O autor registrou mais de uma centena de sítios arqueológicos, desde a divisa com a Bolívia até o rio Manicoré. Classificando diferentes conjuntos artefatuais líticos e ceramistas, criou um extenso conjunto de diferentes fases para região. A partir dos anos 2000, as pesquisas na região começam a ser desenvolvidas por outros pesquisadores, tanto no âmbito da arqueologia preventiva como acadêmica (SCIENTIA 2008; DOCUMENTO 2012; ALMEIDA 2013; ZUSE 2014; TIZUKA 2013; MONGELÓ 2015).

⁵ Localizado na Bacia do rio Madeira, no município de Borba (AM).

Almeida (2013), trabalhando no Alto Madeira, identificou quatro conjuntos cerâmicos⁶ na região. Dois deles se enquadrariam entre as Tradições Jamari e Polícroma (Fase Jatuarana)⁷. Dos outros dois conjuntos, um seria referente às cerâmicas antigas com pintura (se enquadrando na Tradição Pocó-Açutuba, chamada pelo autor de Policrômica Antiga), e o outro a um conjunto que apareceria no sítio Teotônio em estratos anteriores à cerâmica da Fase Jatuarana (por isso, foi temporariamente chamado de Pré-Jatuarana⁸). Zuse (2014), realizando pesquisas em área próxima à de Almeida, entre a cachoeira de Santo Antonio e a foz do rio Jaciparaná, define a presença de cinco conjuntos artefatuais diferenciados para a região, sendo esses: cerâmicas antigas com pintura policrômica ou Inciso-Pintadas, semelhantes ao material Pocó-Açutuba; cerâmicas antigas encontradas nos sítios Morro dos Macacos I, Foz do Jatuarana e Vista Alegre; Tradição Borda Incisa; cerâmicas das ocupações mais recentes (do que a Borda Incisa) nas ilhas a montante; e Tradição Polícroma da Amazônia (Tabela 2).

A calha do Baixo Amazonas⁹ também apresenta um contexto significativo, pois, nas análises cerâmicas, apresentadas a seguir, foram encontradas coocorrências entre os materiais dessa área e dos sítios em estudo. Simões e colaboradores (SIMÕES e MACHADO 1987; SIMÕES e CORRÊA 1987; MACHADO 1991) identificaram diversos sítios entre os rios Uatumã/Jatapu e no Lago de Silves. Como resultado dessas pesquisas, foi estabelecida a Tradição Regional Saracá (TRS) e suas Fases Iraci, Uatumã e Saracá¹⁰. Outras fases foram relacionadas à Tradição Inciso-Ponteadado (Fases Urucará, Jatapu, Garbe e Sabine) e a Fase Silves foi relacionada à Tradição Borda Incisa. No rio Uatumã, foram também realizadas pesquisas quando da instalação da Hidrelétrica de Balbina, nos anos 1980. Esse trabalho identificou mais de 150 sítios, entre os quais predominam sítios rupestres, sendo apenas quatro cerâmicos. Esses foram associados à Tradição Polícroma, em uma fase chamada Capuru (MILLER et al. 1992). A partir dos anos 2000, novas pesquisas na região foram realizadas por Lima (LIMA e COSTA 2004 e 2007; LIMA 2013), e vários sítios foram identificados, incluindo cemitérios associados à TPA.

⁶ Dado o enfoque na análise do material cerâmico, não serão detalhadas as fases compostas apenas por material lítico. Essas podem ser vistas em Mongeló (2015).

⁷ Almeida (2013; 27) opta por nomear este material como Subtradição Jatuarana, após reelaborar a definição de Miller et al (1992) para a mesma.

⁸ O prefixo “pré” não indica uma relação de continuidade entre esses conjuntos citados.

⁹ Aqui não nos referimos à toda a região do Baixo Amazonas, mas sim à área que vai até as proximidades do município de Urucurituba, próximo à divisa dos estados do Amazonas e Pará.

¹⁰ A palavra “regional” foi adicionada ao nome da tradição não apenas por sua circunscrição geográfica, mas também porque não pode ser relacionada direta ou estritamente a nenhum dos quatro grandes horizontes estilísticos (MEGGERS e EVANS 1961) ou tradições (LATHRAP 1970), amplamente dispersas pela Bacia Amazônica (Hachurado-Zonado; Borda Incisa; Polícroma e Inciso-Ponteadado.)

Tabela 2: Descrição e Cronologia dos conjuntos tecnológicos do Alto Madeira.

Tradição/Fase	Descrição	Cronologia	Referências
Tradição Pocó-Açutuba no alto Madeira (Policrômica antiga)	Pasta com adição de caraipé e carvão. Presença de escovado, polimento, brunidura, barbotina, engobo vermelho, laranja, vinho e branco; pintura nos mesmos tons de cores, às vezes associadas a incisões; entre as decorações plásticas encontram-se o inciso, escovado, acanalado, ungulado, serrungulado, exciso; raros incisos e ponteados, ponteados, modelados e apliques zoomorfos. Morfologias com boca circular ou não, bordas ocorrem flanges labiais e mesiais bem como pontos angulares.	1000 A.C – 500 A.D	Almeida 2013; Zuse 2014
Tradição Jamari	Pastas com caraipé. Eventual uso de engobo vermelho e rara decoração, formas simples e paredes mais espessas.	550 A.C - 1720 A.D	Almeida 2013;
Cerâmicas antigas nos sítios Morro dos Macacos I, Foz do Jatuarana e Vista Alegre	Pasta com alta inclusão de grãos de quartzo associados a óxido de ferro e feldspato. Presença de flanges labiais, bordas expandidas, mas com predomínio de bordas diretas inclinadas externamente, ocorrência de bocas elípticas. Presença de polimento e ausência de engobo. Entre as decorações plásticas os incisos, modelados e ponteados, feitos na parte superior das vasilhas; incisões largas. A pintura ausente e apliques mais abstratos que zoomórficos.	01-100 A.D	Zuse 2014
Cerâmicas das ocupações mais recentes (do que a Barrancóide) nas ilhas a montante	Pasta com cauíxí, ou mineral e caraipé. Fragmentos mais espessos. Bordas introvertidas e extrovertidas com ponto angular e bordas expandidas. Decorações plásticas e pintadas ocorreriam em baixa frequência ¹¹ .	Sem cronologia definida	Zuse 2014
Tradição Borda Incisa	Pastas com caraipé; raras com cauíxí. Paredes finas (6 e 10 mm). Bordas contraídas; poucas asas e alças. Presença de alisamento fino, polimento, brunidura, barbotina e engobo vermelho. Decorações plásticas como inciso, ponteados, roletado, modelado no lábio e apliques em forma de esferas ou zoomorfos. Pintura rara ocorrendo em vermelho e branco.	500-1200 A.D	Zuse 2014
Cerâmicas Pré-Jatuarana	Pastas com antiplástico mineral, um tratamento de superfície mais rústico e decorações plásticas.	500 A.D	Almeida 2013;

¹¹ Para Zuse (2014), a evidenciação da intencionalidade da deposição de fragmentos desse material em diferentes sítios teria uma semelhança contextual com os materiais das Fases Axinim e Paredão (localizadas no Baixo Madeira e Amazônia Central, respectivamente), bem como com os da tradição Descalvados (Pantanal de Cáceres), onde estruturas formadas pela deposição intencional do fragmentos cerâmicos também são encontradas. Em termos tecnológicos, esse material do Alto Madeira teria pouca semelhança com as referidas fases e tradição; as similaridades entre os materiais estariam relacionadas à presença de engobo vermelho e pintura em motivos geométricos, em linhas bastante finas aplicadas diretamente sobre a superfície da vasilha, e à queima predominantemente oxidante, a algumas formas que apresentaram gargalo, como ocorre em artefatos da fase Paredão.

Tradição Polícroma da Amazônia Fase Jatuarana	Pastas adição de caraipé. Superfícies bem alisadas e polidas, engobo branco ou vermelho. Pintura em vermelho e branco ou preto e branco na face externa, presença incisões finas em motivos complexos sobre a pintura branca.	700-1600 A.D	Almeida 2013; Zuse 2014
---	---	--------------	----------------------------

No Baixo Amazonas, como vem sendo realizado no Alto e Baixo Madeira, as classificações dos conjuntos artefatuais oriundas das décadas de 1970 e 1980 estão sendo revistas e refinadas. Esse trabalho está sendo iniciado por Bassi (2016), que tem proposto uma rediscussão da Tradição Regional Saracá (TRS). Para o autor, tais artefatos apresentam elementos decorativos característicos associados tanto à Tradição Polícroma como as Tradições Borda Incisa e Inciso-Ponteadado. Essa combinação de múltiplos elementos na Tradição regional Saracá para Bassi (2016) reflete o papel de fronteira regional dessa área inicial do Baixo Amazonas (Tabela 3).

Tabela 3: Descrição e Cronologia dos conjuntos tecnológicos do Baixo Amazonas

Tradição/Fase		Descrição	Cronologia	Referências
Tradição Borda Incisa Fase Silves		Pastas com predomínio de cauíxí, cauíxí com cacos moídos. Presença de escovado, banho e engobo vermelho. Decorações plásticas como incisos (fino, largo, dupla-linha), modelado e ponteadado. Pintura bicrômica ou policrômica.	200 A.D	SIMÕES E MACHADO 1987
Trad. Regio. Saracá ¹²	Fase Uatumã	Pastas com cauíxí, e menor presença de caco-moído e caraipé conforme a fase. Presença de escovado, polimento, banho e engobo vermelho. Decorações com combinação de diferentes técnicas plásticas como incisos (fino, largo e em linha dupla), excisos, acanalados, ponteadados e modelados. Presença de pintura.	200 a 900 A.D	SIMÕES E CORRÊA 1987
	Fase Saracá		300-900 A.D	SIMÕES e MACHADO 1987
	Fase Iraci		300-900 A.D	SIMÕES e MACHADO 1987
Trad. Inciso - Pont.	Fase Sabani	Pastas com cauíxí, entre as diferentes fases haveria variação na ocorrência de outros antiplásticos como caco-moído, cariapé e carvão. Presença de escovado, polimento, banho e engobo vermelho. Decorações plásticas como incisos (fino, largo, dupla linha), excisos, acanalados, modelados e ponteadado. Pinturas bicrômicas ou policrômicas.	900-1100 A.D	SIMÕES e CORRÊA 1987
	Fase Jatapu		900-1000 A.D	SIMÕES e CORRÊA 1987
Tradição Polícroma da Amazônia Fase Capuru		Pastas com cariapé, areia e raramente. Decorações plásticas como acanalados e ponteadados, pintura vermelha e preta sobre engobo branco.	800-1500 A.D	MILLER et al 1992

¹² Como as descrições de cada Fase das Tradições Saracá e Inciso-Ponteadado para os contextos do Baixo Amazonas apresentavam significativas semelhanças, manteve-se apenas as descrições gerais do que há em comum nas suas tecnologias, deixando apenas as distinções das cronologias. Para maior detalhamento ver as publicações originais.

A área de confluência dos rios Negro e Solimões é hoje um dos contextos mais bem conhecidos e documentados da Amazônia. As pesquisas passam pelos trabalhos de Hilbert (1958, 1968) e Simões (1974) até chegarem aos trabalhos do Projeto Amazônia Central (PAC) (NEVES 2012)¹³. Os trabalhos de Hilbert definiram a ocorrência de pelo menos quatro fases na região: as Fases Manacapuru e Paredão, associadas à Tradição Borda Incisa, a Fase Itacoatiara que faria parte da Tradição Inciso-Ponteadado, e a Fase Guarita pertencente à Tradição Polícroma da Amazônia. Os trabalhos do PAC geraram a identificação de um número mais amplo de sítios, um aprofundamento sobre aspectos contextuais dos sítios na região e o detalhamento e revisão das classificações na área. Como resultado das discussões realizadas no PAC hoje são conhecidas quatro fases arqueológicas para região: Açutuba, filiada à Tradição Pocó-Açutuba; Manacapuru e Paredão, associadas à Tradição Borda Incisa; e Guarita, pertencente à Tradição Polícroma (Tabela 4).

Tabela 4: Descrição e Cronologia dos conjuntos tecnológicos da área de confluência

Tradição/Fase	Descrição	Cronologia	Referências
Tradição Pocó-Açutuba Fase Açutuba	Pastas variadas com predomínio de caixí e outros antiplásticos em menor frequência como quartzo e hematita; o caraipé e nódulos de argila também podem ocorrer associados com caixí mas raramente acontecem como antiplástico principal. Presença de engobo vermelho. Ocorrem também apliques, apêndices e flanges mesiais. Decorações plásticas em grande frequência, como incisões finas e largas e raramente acanalados e excisões. Pintura sobre engobo branco em faixas finas e largas e em tons de vermelho, laranja e vinho. As bordas das vasilhas são espessadas e há grande frequência de flanges labiais.	450 a.C. – 360 d.C.	Lima 2008;
Tradição Borda Incisa Fase Manacapuru	Pastas com de caixí. Presença de polimento e enegrecimento. O engobo vermelho é frequente ocorrendo geralmente associado às técnicas plásticas, como incisos finos e largos e em pontas múltiplas. As bordas das vasilhas são espessadas e com ocorrência de lábios expandidos e em menor frequência flanges labiais.	425 A.D – 600 A.D	Lima 2008;
Tradição Borda Incisa Fase Paredão	Pastas com predomínio de caixí. Vasos com paredes finas cuja coloração se destaca pelo tom alaranjado. Ocorrências de incisões finas e pinturas em linhas finas direto sobre a pasta, engobo vermelho em menor frequência. Presença de elementos anexos como alças e pedestais, além de apliques antropomorfos estilizados (as “cabecinhas Paredão”) associados contextos funerários.	750 A.D. – 1200 d.C	Lima 2008; Moraes 2006;

¹³ Esse projeto teve como resultados a elaboração de uma série de teses e dissertações e artigos. A síntese desses trabalhos bem como suas referências completas podem ser vistas em Neves, 2012.

Tradição Polícroma da Amazônia Fase Guarita	Pastas com predomínio cariapé ou cauxí ¹⁴ . Bordas reforçadas, decoração policroma com motivos geométricos, decoração plástica acanalada, urnas funerárias antropomorfas, vasos com flange mesial, ocorrência de engobo branco e vermelho.	900-1600 A.D	Hilbert 1958 e 1968; Tamanaha 2012;
---	---	--------------	-------------------------------------

Contexto Etnohistórico do Baixo Madeira

Como observado na revisão de dados apresentada brevemente acima, há na calha do Madeira, tanto no alto como no baixo curso, uma série de datações arqueológicas relacionadas ao período pós-colonial. Tais dados tornam necessária uma breve apresentação do quadro etnohistórico¹⁵ da área de pesquisa para melhor compreensão de algumas reflexões colocadas ao longo deste artigo.

Um dos primeiros aspectos que se destacam nos registros da etnohistória do rio Madeira é a intensidade e diversidade de etnônimos indígenas encontrados nessa região entre os séculos XVI e XIX, dentre eles: Zurinas; Cayanas; Hurutians; Anamaris; Guarinumas; Curarinaris; Erepunacas; Abacaxis; Irurizes; Parapixanas; Aripuanas; Onicorez; Torizes; Pamas; Muras; Araras; Perurus; Guajaris; Capanas; Capipunas; Mamis; Painintins; Mundurukus, entre muitos outros, além dos Tubinambaranas, encontrados entre a foz do Madeira e do Tapajós. Segundo Menéndez (1992:281), mesmo que diferentes etnônimos correspondam a um mesmo grupo, em regiões ou momentos diferentes, essa diversidade assinala, antes de tudo, uma alta densidade demográfica para área.

Dentre todos os etnônimos encontrados no médio e baixo curso do rio Madeira, três aparecem de forma mais recorrente, e é possível alcançar nas fontes um conjunto de informações mais amplo sobre eles, sendo esses: os Iruris, Tupinambaranas e Muras.

Os Iruris ocupavam a margem direita do Baixo Madeira, compondo a “nação dos Irurizes”, a qual também incluía os Paraparixas, Aripuanas, Onicorés e Torizes, que estavam em outras partes do curso do rio e seus afluentes, como os rios Aripuanã e Manicoré (MENÉNDEZ 1984: 273, 1992: 282). A relação entre esses grupos seria não apenas inferida pelos cronistas, mas relatada pelos próprios indígenas através de seu mito de criação¹⁶.

Cada um desses grupos [da nação dos Irurizes] ocupava uma aldeia grande, conjunto formado por povoado ou território maior habitado somente pelos próprios membros do grupo (os principais) e quatro ou cinco roças (aldeias ou territórios menores)

¹⁴ Apesar da presença de cariapé como antiplástico ter sido considerada como um dos elementos definidores da TPA (MEGGERS e EVANS 1961; HILBERT 1958), como demonstrado por Tamanaha (2012), em alguns sítios dessa tradição o material pode ter como antiplástico apenas caiuxí.

¹⁵ Os primeiros relatos para calha do Madeira remetem à viagem de Orellana (1542), registrada por Carvajal. Outras narrativas aparecem com a viagem de Pedro Teixeira (1637), registrada por Acunã (1639) e Heriarte (1662). A partir do século XVII com a intensificação da presença Jesuíta na região o número de relatos aumenta, havendo também alguns relatos “leigos”. No século XVIII, com o diretório pombalino, há uma redução da presença missionária e um aumento da presença de “leigos”, trazendo uma alteração na natureza dos relatos (MENÉNDEZ 1981 e 1982).

¹⁶ Segundo Porro (2007: 52) os grupos diziam-se descendentes de uma ancestral mítica comum - uma mulher que teria descido do céu grávida, e dado à luz a cinco filhos, cada um com o nome de um desses grupos.

habitados por vassallos, que podem ter sido de outras etnias ou linhagens hierarquicamente inferiores dos próprios Iruris (PORRO, 2007, p.52)

Os Irurizes, ao que tudo indica, falavam uma língua não pertencente ao tronco Tupi (MENÉNDEZ 1984:273, PORRO 2007:52). Segundo Menéndez (1981:348, 1984: 273), o relato de Heriarte aponta que estes manteriam guerra e comércio com gentes dos rios Negro e Amazonas. Nesses intercâmbios seriam trocados bens como algodão, milho, tabaco, cerâmica, ferramentas e escravos. O impacto da presença do colonizador europeu foi intenso sobre esses grupos, e já no fim do XVII tornam-se escassos os relatos sobre Iruris¹⁷.

Os Tupinambaranas seriam grupos Tupi que fugindo da invasão europeia no litoral atlântico (Pernambuco) empreendem forte marcha de migração para o interior, chegando às cabeceiras do Madeira. Descendo o rio, alcançaram o Baixo Amazonas, onde se instalaram (MENÉNDEZ 1984:274, PORRO 2007:97-98). O território ocupado por esses indígenas passou a ser conhecido como “Ilha Grande dos Tupinambaranas”¹⁸. A chegada desses indígenas à região não deve ter ocorrido antes da segunda metade do XVI, mas segundo alguns cronistas, teria ocorrido no começo do XVII (MENÉNDEZ 1981/1982 e 1984/1985: 273). Os Tupinambaranas desenvolveram uma série de relações de intercâmbio e confronto com os grupos que já viviam no Baixo Amazonas, incorporando muitos desses sob seu domínio ou através de estratégias de casamento. Esse contato teria sido tão intenso que teria tornado a língua Tupi dos Tupinambaranas sutilmente diferente de outros Tupi (MENÉNDEZ 1984/1985:279, 1992:282). Mas esta intensa presença dos Tupinambaranas parece não ter sido duradoura, pois, já nos relatos do fim do século XVII, registra-se o abandono de suas aldeias e diminuição da população. No século XVIII é relatada a movimentação dos Tupinambaras pelos jesuítas, bem como sua presença em cursos mais interioranos, entre o Tapajós e Madeira (MENÉNDEZ 1984/1985: 278).

Ao fim do século XVII, várias áreas antes densamente ocupadas nas margens do Madeira estavam quase despovoadas, tanto pelas mortes causadas pelas doenças e guerras com os brancos, como pelos descimentos¹⁹. Essa nova configuração permitiu que grupos antes localizados mais acima no curso do rio começassem um extenso processo de ocupação dessas áreas. Entre estes, destacam-se os Mura.

Os Muras foram registrados pela primeira vez no começo do século XVIII (relato do Jesuíta Bartolomeu Rodrigues de 1714) localizados entre os rios Maici e Marmelos (MENÉNDEZ 1992:282). Desde os primeiros contatos com o colonizador europeu, os Muras apresentaram forte resistência a esses. Além do confronto e das atividades de curso fluvial, outra estratégia de resistência dos Muras foi a ocupação dessas novas áreas, que se tornavam cada vez mais esvaziadas. Nesse processo de expansão, os Muras acabam

¹⁷ Os últimos registros a respeito dos Iruris foram feitos em 1784, quando poucos restantes deles estariam entre os Mura (MENÉNDEZ 1984: 273), e 1789, quando alguns outros comporiam a população de Itacoatiara (PORRO 2007:52).

¹⁸ Segundo os mapas formulados por Menéndez (1981:329 e 359) essa área compreenderia toda a zona entre o rio Amazonas de um lado, e os paranãs Canumã/Urariá/dos Ramos de outro.

¹⁹ Deslocamento de grupos inteiros para novas aldeias próximas aos portugueses (PERRONE-MOISÉS 1992:118)

englobando outros grupos, fossem eles seus cativos ou indígenas fugidos, que buscavam refúgio. Este processo ficou conhecido como “murificação”²⁰. Como consequência dessa expansão os Muras são encontrados na segunda metade do XVIII não apenas no Madeira, mas também no Negro, no médio Solimões e Japurá (AMOROSO 1992:303). Todavia, intensamente perseguidos pela Igreja e pela Coroa, sofrendo com as mortes epidêmicas e com a chegada dos inimigos Munduruku ao Madeira, os Muras acabam em 1784 cedendo às investidas de colonização, e passam a formar aldeias segundo as normas direcionadas pelos colonizadores. Essa redução, entretanto, não conseguiu ser tão efetiva, sendo que diferentes relatos apontam para a baixa densidade demográfica dos aldeamentos e para suas populações sempre flutuantes. Os Muras ainda hoje constituem um dos grupos indígenas de mais significativa presença no Baixo Madeira²¹.

Os relatos sobre esses diferentes grupos tornam-se particularmente significativos quando observados pela ótica da mobilidade indígena. Ao fazer essa análise, Menéndez (1981, 1982, 1984 e 1985) constatou que apesar do impacto causado pelo colonizador europeu; a presença física ainda pouco intensa desses até primeira metade do século XVII no Madeira permite inferir que as redes de troca e contato intergrupais de longa distância, que foram registradas pelos cronistas da época, já existiam antes da presença colonial.

Outro dado importante trazido por Menendez (1981/1982 e 1992) é a presença no Baixo Madeira de comunidades multiétnicas e multilinguísticas. Esse fato foi documentado nos grupos anteriormente descritos: os Mura, que incorporavam cativos de guerra, e com a pressão colonial, passam a abarcar inúmeros contingentes de outros grupos dentro de suas aldeias; os Tubinambaranas, que estabelecem relações de casamentos exogâmicos e de domínio sobre outros grupos; e os Irurizes, que são descritos como possuindo um sistema de “vassalagem”, no qual outros grupos viviam sobre sua influência e lhes pagavam tributos.

As fontes etnohistóricas desenham um cenário densamente povoado e dinâmico para região, onde relações de troca, conflitos, ou mesmo formações multiétnicas e multilinguísticas, estariam presentes. A quantidade e tamanho dos sítios arqueológicos no Baixo Madeira apontam para uma presença populacional contínua e extensa, enquanto a presença de sítios multicomponenciais suscita que o debate interpretativo do processo de formação desses sítios tenha em vista as informações sobre as redes de troca e os sistemas multiétnicos e multilinguísticos.

Os dados que serão apresentados abaixo são ainda escassos para uma discussão consistente dos temas apontados acima. Contudo, permitem ao menos uma problematização teórica a ser levada em consideração em etapas futuras desta pesquisa, que se encontra ainda em sua fase inicial. Ao mesmo tempo,

²⁰ Segundo Amoroso (1992:308-309) a “murificação” pode ser entendida como a incorporação a sociedade Mura de outros indígenas, seja de forma compulsória (guerras) ou voluntária.

²¹ Os Muras hoje possuem 41 terras indígenas demarcadas, contando com uma população de mais de 16.000 pessoas. Destas, 16 terras indígenas localizam-se no município de Autazes-AM, abarcando uma população de mais de 4.200 pessoas (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL 2016).

estes novos dados contribuem também para a reflexão e o enriquecimento de outros trabalhos porventura realizados na região.

Novos dados para o Baixo Madeira

As análises ora apresentadas foram realizadas dentro do escopo de ações de trabalhos de arqueologia preventiva. A área de estudos arqueológicos foi definida em 750 ha²² e englobou, na época, também áreas fora dos limites dos sítios aqui apresentados.

Em campo²³ foram identificadas algumas áreas com ocorrências arqueológicas isoladas e dois sítios arqueológicos: o Urucurituba Velho (previamente identificado por Simões em 1983, definido na época como unicomponencial da Fase Borba (TPA); e o sítio Terra Preta, identificado por este estudo. A pesquisa coletou 1.020 peças, sendo 994 fragmentos cerâmicos e 26 líticos²⁴. No sítio Urucurituba Velho foram coletados 721 fragmentos cerâmicos e 23 peças líticas, e no sítio Terra Preta foram coletados, com a abertura de apenas um poço-teste, 233 fragmentos cerâmicos e 3 peças líticas.

As atividades de laboratório dividiram-se em seis etapas: higienização, triagem, numeração, análises tecnotipológicas, projeção de morfologias e desenhos dos motivos iconográficos. Por se tratar de uma etapa inicial de pesquisa, foram analisados com maior grau de detalhamento apenas fragmentos cerâmicos tidos como característicos de conjuntos artefatuais distintos²⁵. Sendo assim, dos 994 fragmentos triados, 71 foram submetidos a uma análise mais aprofundada (cerca de 7% do material). Estes incluíam bordas, bases, paredes, e uma alça.

A análise tecnotipológica, de caráter qualitativo dado o baixo volume amostral, teve como objetivo principal a compreensão e identificação das escolhas tecnológicas materializadas nos artefatos estudados. Para sua realização, foi analisada a presença de diferentes atributos e suas correlações (com base nas discussões propostas pelos trabalhos de Shepard (1956), Meggers (1970), Lima (2008), Trindade (2009), Tamanaha (2012) e Bassi (2016). As características dos fragmentos permitiram a identificação de quatro tradições ceramistas, sendo que 67% do total do material foi associado à Tradição Polícroma da Amazônia;

²² A pesquisa identificou também algumas coleções particulares moradores da região próxima aos sítios aqui citados. Tais coleções ainda não foram alvo de análises pormenorizadas, porém dentre elas já foi possível identificar a presença de alguns conjuntos artefatuais semelhantes aos encontrados nos contextos alvo de ações interventivas.

²³ Estes se valeram de verificações de subsuperfície (poços-teste), dispostas sistematicamente em porções do terreno eleitas para esse tipo de trabalho. Cada poço-teste foi aberto por meio do uso de cavadeiras articuladas, atingindo uma profundidade que variou entre 100 e 140 cm. A escavação dos poços-teste deu-se por níveis artificiais de 20 cm de espessura. Cada pacote de sedimento retirado passou pelo processo de peneiramento (malha 5 mm), sendo cuidadosamente verificado. Quando encontrados vestígios arqueológicos, estes foram coletados, sendo devidamente registrados. Alguns vestígios encontrados em superfície também foram coletados. No total, 595 poços-teste foram abertos nessa etapa de pesquisa. Em um total de 41 deles foi verificada a presença de evidências arqueológicas, sendo que em 12 destes foi verificada apenas a presença de solo antropizado (terra preta ou mulata), e em 29 deles foi verificada a presença de materiais cerâmicos ou líticos.

²⁴ Considerando-se a área total que sofreu ações interventivas.

²⁵ Nesse caso, pertencentes a tradições cerâmicas distintas.

16% foi associado à Tradição Regional Saracá; 6% foi associado à Tradição Borda Incisa; e 4% foi classificado como de Tradição Inciso-Ponteadado. Abaixo segue a descrição desses conjuntos.

Materiais Associados à Tradição Polícroma da Amazônia (TPA)

Nesse caso, bordas, bases e paredes apresentaram manufatura por roletado. O antiplástico predominante nas pastas foi o cauxi²⁶. Dentre as bordas e bases, a espessura teve pouca variação, ocorrendo entre 8 e 12 mm. Nas paredes a espessura variou entre 3 a 14 mm, estando majoritariamente entre 9 e 10 mm. Quanto às colorações de superfície, nas bordas e bases foram notados tons de laranja²⁷ e marrom²⁸. As paredes também apresentaram variações desses dois tons, contudo, foi observada uma maior amplitude, dentro dos padrões da tabela Munsell, tanto da coloração laranja²⁹ como da marrom³⁰.

As bases não apresentaram decoração³¹, apenas alisamento. Todas tinham formas planas³². Nas bordas, foi evidenciado o uso de engobo, pintura, e outros tipos de decorações plásticas (tais como a incisão). O engobo foi encontrado em ambos os lados, sempre na coloração branca. A pintura ocorreu tanto em ambas as superfícies como apenas na interna. Em ambas as situações ela apresentou coloração avermelhada. As decorações plásticas obtidas a partir da técnica da incisão ocorreram na superfície externa e no lábio. Nas paredes, quando havendo pintura, essa foi registrada quase unicamente na face externa, aparecendo em apenas um fragmento em ambas as faces, e em outro apenas na borda. A cor predominante da pintura foi o preto, ocorrendo em menor escala o vermelho. O engobo branco foi encontrado associado tanto à pintura como a outros tipos de decoração plástica (Figura 2). Tanto nas bases, como nas bordas e a paredes, foi registrada presença de fuligem.

²⁶ Sendo que nos fragmentos tidos como bordas este foi encontrado associado com minerais e caraipé. Já nas bases e paredes este esteve predominantemente associado a caco moído, e em menor quantidade também a minerais e caraipé.

²⁷ Cores entre 7.5YR 6/3 e 7/4 – Munsell.

²⁸ Cores entre 7.5YR 4/1 e 3/3 – Munsell.

²⁹ Cores entre 7.5YR 6/1 e 8/4– Munsell.

³⁰ Cores entre 7.5YR 3/1 e 5/3– Munsell.

³¹ O termo “decoração”, aqui utilizado, é recorrentemente presente em trabalhos voltados à compreensão das manifestações plásticas ligadas ao âmbito da Arqueologia Amazônica (tais como LIMA 2008, TAMANAHA 2012, BASSI 2013, OLIVEIRA 2014, PY-DANIEL 2015, entre muitos outros). Entretanto, deve ser aqui enfatizado que a utilização do termo não implica em uma compreensão dos motivos iconográficos, ou expressões plásticas, como não sendo dotadas de significado; ou seja: como sendo “meramente decorativas”. Nesta primeira etapa de pesquisa, não foram abordados fatores que poderiam levar à compreensão de possíveis significados imbuídos nessas imagens. Entretanto, como visto em Bars Hering (2015); Barreto (2008); Golte (2006); Hays-Gilpin e Hill (1999); Lopez Austin (1988 e 2003); Mathiowetz (2011); Oliveira (2014); Ortman (2000 e 2011); Riley (2005); Roe (1995); Schaafsma (2000 e 2005); Schaafsma e Schaafsma (1974); Schaafsma et al (2006); Taube (2001 e 2010); Taube e Houston (2000); Young (1988 e 1991), entre tantos outros, as análises iconográficas podem ser de suma importância para a compreensão de diversos aspectos de uma dada sociedade, e devem ser consideradas como uma importante ferramenta de investigação no campo da arqueologia como um todo.

³² Nas bordas, as decorações ocorreram predominantemente em ambas as superfícies (interna e externa), mas também foram observadas apenas na superfície externa em alguns casos. Já nas paredes, a decoração foi observada quase unicamente na parte externa, sendo que apenas uma peça apresentou decoração em ambos os lados.

Destaca-se que em um dos fragmentos proveniente do sítio Urucurituba Velho³³ (figura 3), foi identificado um elemento iconográfico também encontrado em materiais TPA em Manacapuru (OLIVEIRA 2014) e no médio Rio Negro (LOPES 2015). Para Lopes (2015: 59-60) esse motivo representa a minimalização do diadema (“tiara”) que define o campo de colocação dos rostos antropomorfos nas urnas policromas.



Figura 2: Peça encontrada no sítio Urucurituba Velho. Borda de formato reforçado externo, apresentando acanalados na parte externa, e decoração de motivos geométricos. (Foto: Catarina Calheiros. Desenhos: Raul Melo).

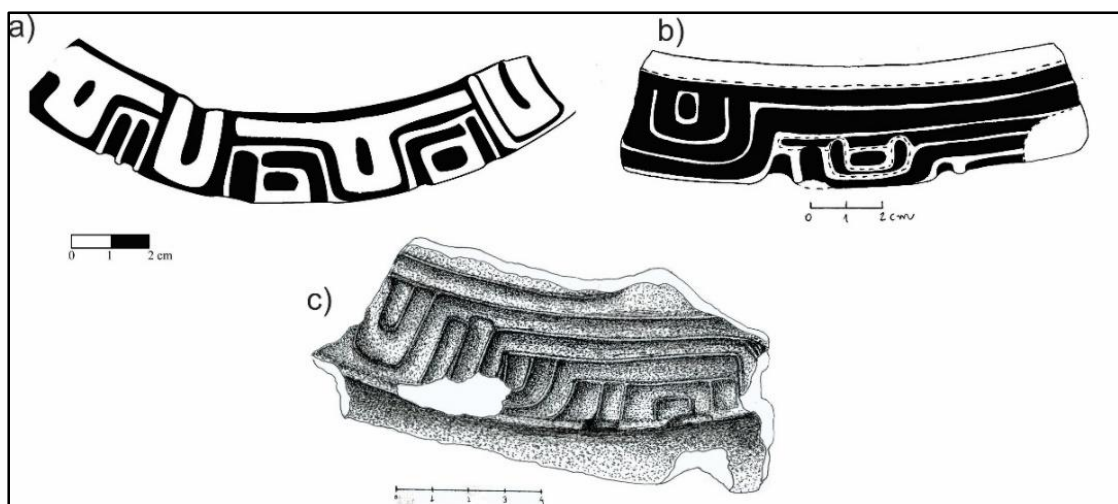


Figura 3: À esquerda: a) flange mesial da região de Manacapuru com motivo “Tiara” (in: OLIVEIRA 2014, anexo 7). À direita: b) flange mesial do sítio Vila Nova II localizado no médio Rio Negro (In: LOPES 2015:59). Abaixo: c) desenho da peça S041, analisada nesse trabalho, proveniente do sítio Urucurituba Velho. (Desenho de Raul Melo).

³³ Esse motivo também foi encontrado em vários fragmentos provenientes de coleções mantidas por moradores locais.

Materiais Associados à Tradição Regional Saracá (TRS)

Bordas e paredes apresentaram como técnica de manufatura o roletado, em ambos os casos, a espessura variou entre 6 e 11 mm. O antiplástico predominante foi o cauíxí, ocorrendo combinado com minerais e carvão, ou com caco moído. As colorações de superfície variaram em tons de laranja e marrom³⁴.

Nas bordas, as decorações ocorreram apenas na superfície externa, apresentando engobo ou decorações plásticas obtidas por meio das técnicas de ponteadado e acanalado combinados. O engobo foi encontrado somente na coloração branca. As decorações identificadas nas paredes estavam na sua maioria presentes na parte externa. Apenas uma peça apresentou decoração em ambos os lados. Também nas paredes foram observados motivos obtidos por meio das técnicas de pontilhado e inciso largo. Tanto nas bordas como nas paredes foi registrada presença de fuligem (Figura 4).



Figura 4: Fragmentos cerâmicos associados à TRS encontrados no sítio Urucurituba Velho, apresentando decoração plástica por meio das técnicas de acanalado e do pontilhado. (Foto: Catarina Calheiros).

Materiais Associados à Tradição Borda Incisa (TBI)

Foram observadas bordas e paredes manufaturas por roletado, com espessura variando entre 7 a 10 mm. O antiplástico predominante nas pastas foi o cauíxí³⁵. As superfícies apresentaram colorações que variaram entre tons de laranja³⁶ e marrom³⁷. Tanto nas bordas como nas paredes, as decorações ocorreram apenas na superfície externa, com técnica de incisão fina em linhas horizontais. Não foi notificada presença de fuligem (Figura 5).

³⁴ Nas bordas, os tons de laranja estiveram entre as cores entre 7.5YR 6/3 e 7/4, e de marrom entre 7.5YR 4/1 e 3/3 - Munsell. Já as paredes apresentaram tons de laranja entre 7.5YR 6/1 e 8/4, e de marrom entre 7.5YR 3/1 e 5/3.

³⁵ Nas bordas o cauíxí ocorreu combinado com minerais ou caraipé. Nas paredes, foi observada a combinação do cauíxí com caco moído.

³⁶ Entre 7.5YR 6/3 e 6/6 - Munsell.

³⁷ Entre 7.5YR 5/4 e 5/6 - Munsell.



Figura 5: Fragmento cerâmico associado à Tradição Borda Incisa encontrado no sítio Urucurituba Velho, apresentando incisões. (Foto: Catarina Calheiros. Desenho: Raul Melo).

Materiais associados à Tradição Inciso-Ponteadado (TIP)

As bordas apresentaram técnica de manufatura por roletado e espessura de 9 mm. A alça identificada foi produzida por modelagem, tendo 8 mm de espessura. O antiplástico predominante nas pastas foi novamente o cauíxi³⁸. As superfícies das bordas tiveram coloração majoritariamente em tons de marrom³⁹, e a alça em tom de laranja⁴⁰. Nas bordas as decorações ocorreram apenas na superfície externa, por meio do pontilhado e lábio recortado. Apenas uma dessas peças apresentou fuligem (Figura 6).



Figura 6: Fragmento cerâmico associado à Tradição Inciso-Ponteadado, encontrado no sítio Urucurituba Velho, apresentando incisões (Foto: Catarina Calheiros. Desenho: Raul Melo).

Distribuição do material cerâmico

A partir dos dados de triagem foi possível esboçar alguns aspectos sobre a distribuição dos 994 fragmentos do sítio Urucurituba Velho. Em termos quantitativos (figura 7), pode-se dizer que a maioria dos

³⁸ Nas bordas o cauíxi ocorreu combinado com minerais ou minerais e caraipé. Na alça foi encontrado cauíxi associado a caco moído e caraipé.

³⁹ Entre 7.5YR 4/1 e 5/6 - Munsell.

⁴⁰ Entre 7.5YR 7/3 - Munsell.

poços-teste apresentou até 10 fragmentos. Outros poços-teste apresentaram entre 11 a 20 fragmentos; entre 21 a 50; entre 51 a 80; entre 81 a 110; e em apenas uma das intervenções foi observada a presença de 163 fragmentos.

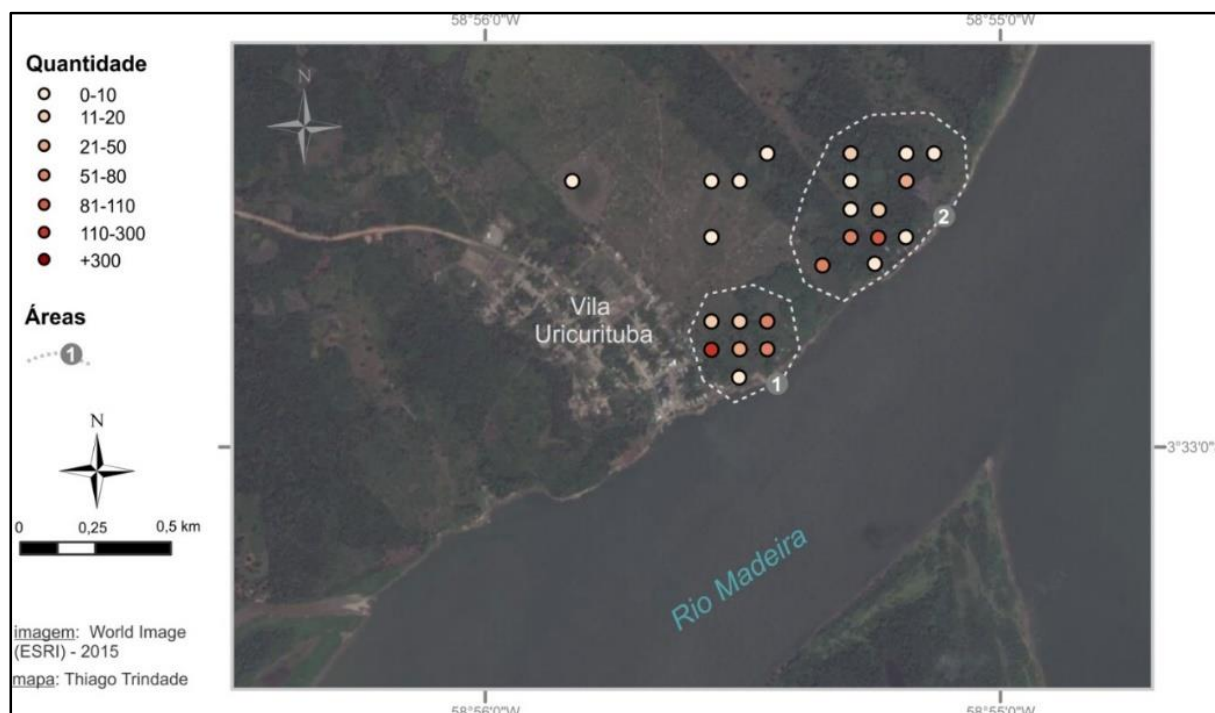


Figura 7: Distribuição quantitativa de materiais no sítio Urucurituba Velho. (Autor: Thiago Trindade).

A maioria dos poços-teste que apresentou até dez fragmentos está localizada mais afastada da margem do rio Madeira, enquanto aqueles com maior número estão mais próximos dela (figura 8). É possível também perceber duas concentrações de material, distantes entre si cerca de 250 m, denominadas “Área 1” e “Área 2”. A “Área 1” apresentou menos pontos com material, porém, teve uma maior concentração numérica de fragmentos por poço-teste.

Em termos estratigráficos (figura 8), observou-se uma maior concentração de material arqueológico entre 0 a 40 cm, sendo que apenas quatro poços-teste apresentaram peças entre 60 a 80 cm. Foi observado que os poços-teste que apresentavam material em menor profundidade estão mais ao interior do sítio, enquanto que os que apresentaram material em maior profundidade estão localizados mais próximos à margem⁴¹.

⁴¹ É preciso lembrar que este sítio está sobre o impacto natural do cheia e vazante do rio Madeira, que provoca por vezes a queda de parte dos barrancos da margem do rio, fenômeno chamado terras caídas ou erosão lateral acelerada (TAMANAHA 2010:24). Isto significa que parte do sítio já foi afetado.

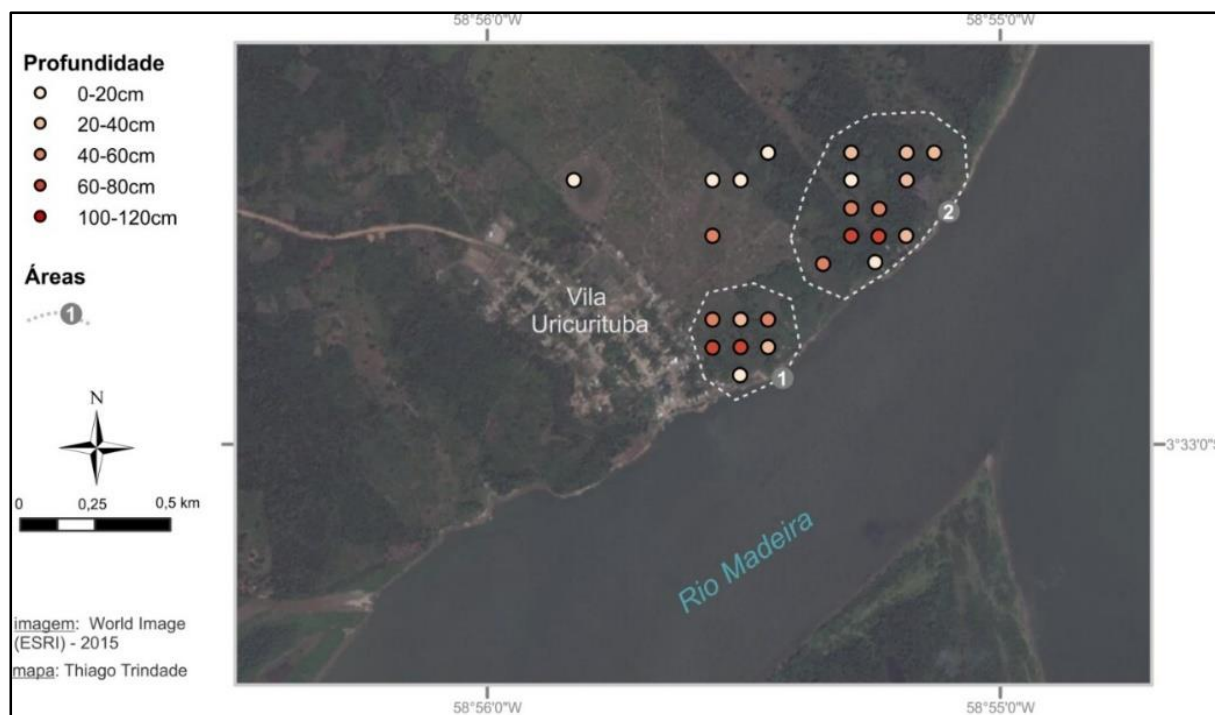


Figura 8: Distribuição estratigráfica de materiais no sítio Urucurituba Velho. (Autor: Thiago Trindade).

O material proveniente do sítio Terra Preta foi coletado em apenas uma intervenção, que apresentou mais de 230 peças coletadas até 120 cm - profundidade bem maior que a observada no sítio Urucurituba Velho. Nessa intervenção todos os níveis apresentaram quantidades similares de material, com uma concentração um pouco maior entre 20-40 cm. Há 120 cm o material foi ainda numericamente significativo (29 peças), indicando que a camada arqueológica na área deve ser ainda mais profunda.

Distribuição dos Materiais das Diferentes Tradições nos Sítios

Foram encontradas ocorrências isoladas das tradições em alguns pontos, bem como contextos multicomponenciais (figura 10). No sítio Urucurituba Velho, a Tradição Inciso-Ponteadado (TIP) ocorre sozinha em dois pontos, mas coocorre com a TPA em outro. A Tradição Borda Incisa (TBI) ocorre sozinha em um ponto, associada apenas à TPA em outro, e ainda associada tanto à TPA quanto à Tradição Saracá (TRS) em outro. Essa última tradição ocorre junto com outros conjuntos apenas nesse ponto, nas outras duas vezes em que ocorre foi observada isoladamente. A TPA ocorre sozinha em três pontos, e como colocado, aparece associada apenas à TBI em um ponto, apenas à TIP em outro, e associada à TRS e TBI ainda em outro ponto. Dessa forma, apesar da ocorrência dessas quatro tradições no sítio, os fragmentos característicos identificados durante a análise não aparecem em coocorrência o tempo todo. Na maioria das intervenções essas tradições ocorrem isoladamente. A coocorrência é identificada geralmente entre a TPA e uma das outras tradições - dado esperado já que a maioria das peças foi associada à Tradição Polícroma. Apenas em um dos poços-teste foi observada a presença concomitante da TPA, TBI e TRS. Já no sítio Terra Preta, o contexto multicomponencial apresentou apenas fragmentos TPA e TPI.

No sítio Urucurituba Velho materiais da TIP ocorreram entre 0-20 cm. Já a TBI, nos dois pontos em que ocorreu sozinha, foi localizada entre 0-20 cm. Porém sua maior concentração ocorreu entre 60-80 cm, em conjunto com a TRS e TPA. A TRS apresenta configuração muito semelhante à da TBI, pois nos dois pontos onde ocorre sozinha está entre 0-20 cm, mas no ponto multicomponencial ocorre entre 40-60 cm. A TPA ocorre em sua maioria em níveis mais superficiais. Sua presença em níveis mais profundos foi observada em apenas um ponto multicomponencial.

Tabela 5: Peças por nível sítio Urucurituba Velho

Geral	TPA	TRS	TBI	TIP
0-20 cm	11	2	0	3
20-40 cm	15	0	2	0
40-60 cm	1	8	1	1
60-80 cm	8	0	4	0

Tabela 6: Peças por nível sítio Terra Preta

Geral	TPA	TRS	TBI	TIP
0-20 cm	0	0	0	0
20-40 cm	0	0	0	0
40-60 cm	0	0	0	1
60-80 cm	3	0	0	0
80-100 cm	0	0	0	0
100-120 cm	11	0	0	0

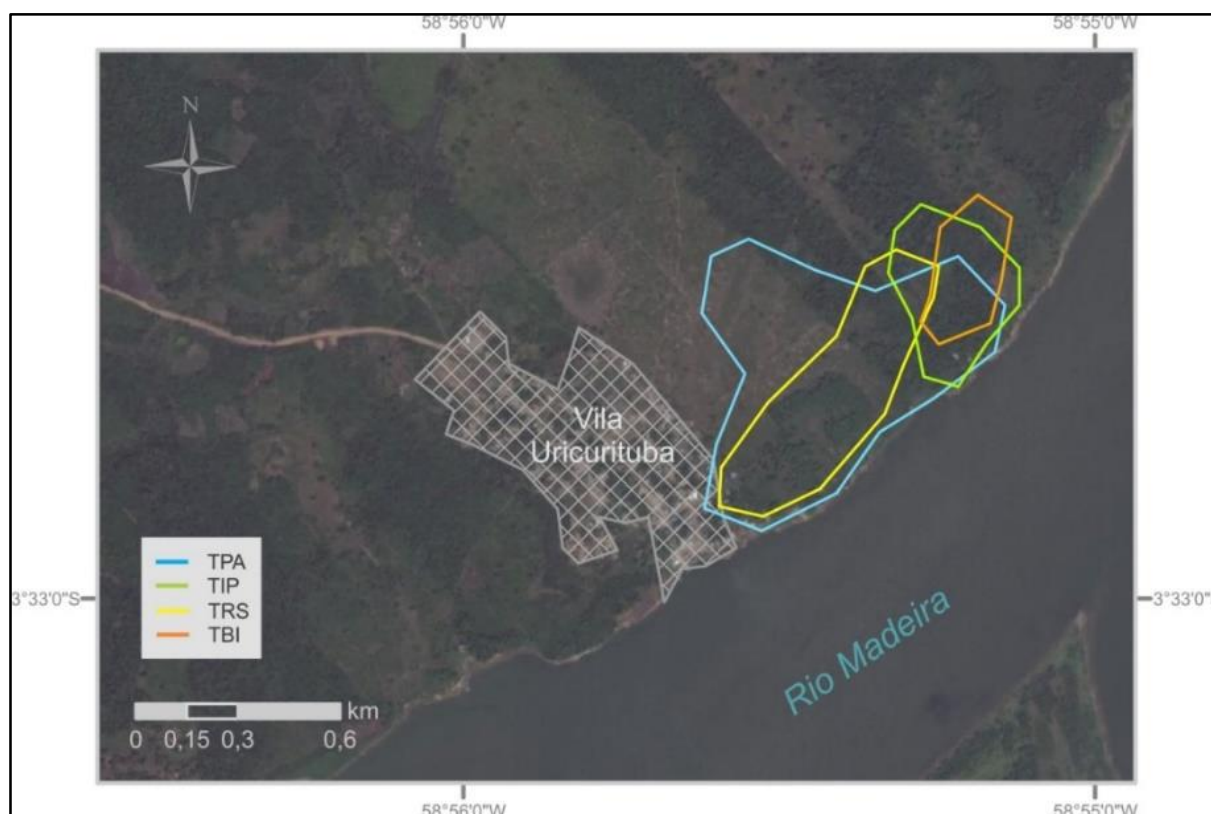


Figura 9: Distribuição de material diagnóstico na área do sítio Urucurituba. (Autor: Thiago Trindade).

Ao observar as figuras 9 e 10, nota-se que os materiais característicos das tradições não ocorrem espacialmente de maneira uniforme. Nas áreas mais ao interior do sítio foi verificada uma menor presença de peças características, muito provavelmente por apresentarem quantidade menor de artefatos. Contudo,

vê-se uma significativa diferença entre as “Áreas 1 e 2”. A “Área 2” apresentou uma maior quantidade e diversidade peças características das diferentes tradições.

No sítio Terra Preta a presença de materiais característicos só foi evidenciada a partir de 40-60 cm, onde foi encontrado material da Tradição Inciso-Ponteadado. Nos níveis abaixo todas as peças foram associadas à TPA. Nesse aspecto, o sítio difere também do Urucurituba Velho, onde a TPA tem maiores concentrações até 0-40 cm e a TIP em 0-20 cm. A hipótese é de que essas diferenças podem estar relacionadas ao processo de formação de um pacote muito mais profundo no sítio Terra Preta.

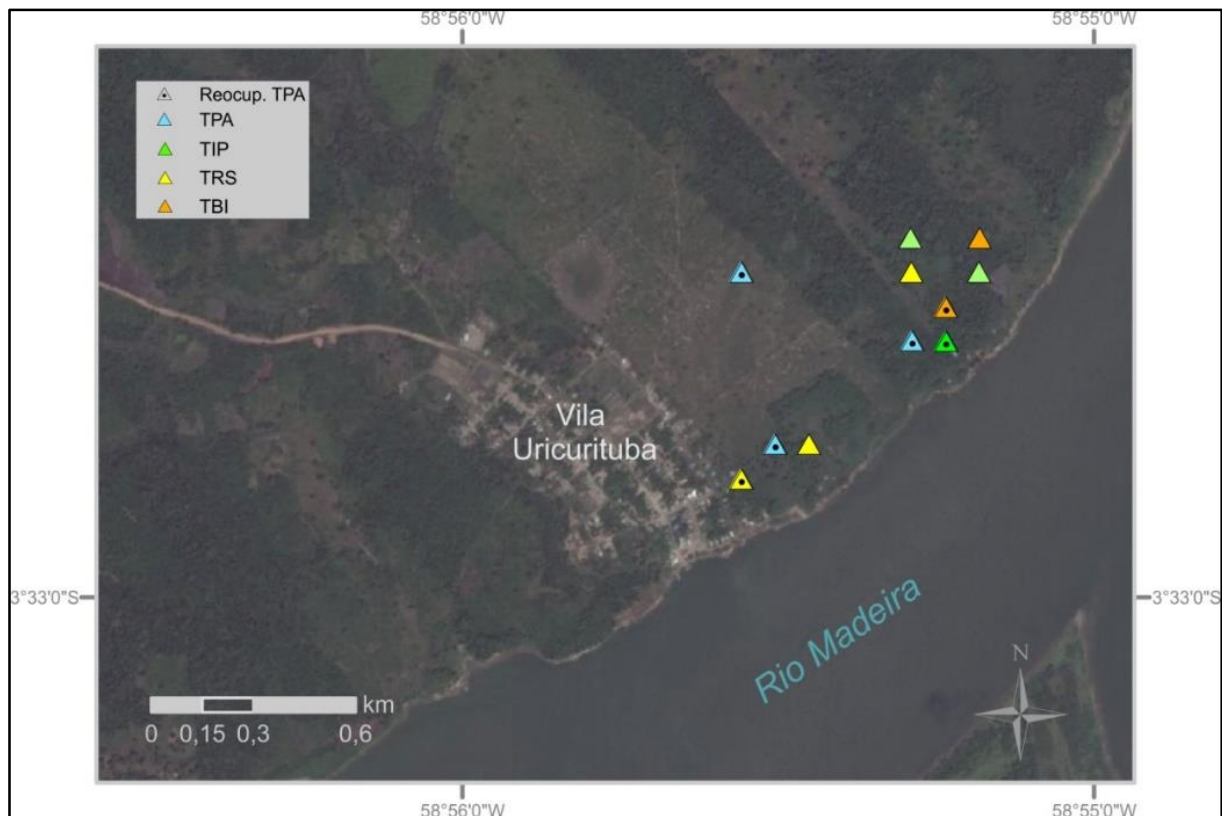


Figura 10: Ocorrência de pontos multicomponenciais na área do sítio Urucurituba. (Autor: Thiago Trindade).

SÍNTESE DOS RESULTADOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises dos materiais provenientes dos sítios arqueológicos Terra Preta e Urucurituba Velho permitiram classificá-los como multicomponenciais. No Urucurituba Velho, apesar da menor profundidade do pacote arqueológico, foram encontrados quatro conjuntos artefatuais distintos (TBI, TRS, TPA e TIP), enquanto no sítio Terra Preta foram encontrados apenas dois conjuntos (TPA e TIP). Essa questão pode estar relacionada a um viés amostral, pois no sítio Terra Preta foi possível realizar apenas uma intervenção em subsolo. Novas ações interventivas serão realizadas para que haja uma melhor compreensão do contexto do sítio Terra Preta e comparação com o sítio Urucurituba Velho.

Os resultados para o sítio Urucurituba Velho diferem dos obtidos anteriormente por Simões e Lopes (1987), que o classificaram como sendo “unicomponencial da Fase Borba”. Novas pesquisas têm discutido, refinado e reelaborado as classificações artefatuais para a região do Baixo Madeira. Este trabalho foi iniciado na região Moraes (2013), entretanto, esta discussão ainda precisa ser ampliada, visto que envolve inerentemente um amplo debate realizado na arqueologia brasileira, sobre os sistemas classificatórios e os problemas interpretativos derivados destes⁴².

Essa diversidade de conjuntos tecnológicos no Baixo Madeira, quando comparada a outras regiões, traz reflexões sobre redes regionais de interação. Os horizontes ceramistas mais antigos – como Pocó, Açutuba e Itacoatiara – vêm ganhando cada vez mais espaço nas pesquisas arqueológicas na Amazônia. Contudo, para grande parte de suas regiões são ainda pouco conhecidos. Almeida (2013), ao reestudar o sítio Teotônio, registrou a presença desses conjuntos no Alto Madeira - dado confirmado posteriormente por Zuse (2014) em outros sítios da região. No Baixo Amazonas, a Fase Itacoatiara inicialmente foi classificada como pertencente à Tradição Inciso-Ponteado (HILBERT 1958 e 1968), mas atualmente é classificada como parte Tradição Pocó-Açutuba (LIMA 2008; NEVES 2012; NEVES et al. 2014). No Alto Madeira, a presença de pintura sobre engobo branco em diferentes tons de vermelho (laranja, vermelho e vinho) tem sido colocada como um dos principais elementos tecnológicos definidores desses conjuntos antigos. Já na Fase Itacoatiara (1958), bem como na Fase Açutuba (LIMA 2008), destaca-se a presença do rebuscamento das decorações plásticas. Além disso, as características tecnológicas comuns esses materiais estariam associadas aos primeiros processos de formação de terra preta, sendo por vezes, encontradas em áreas sem terra preta.

No Baixo Madeira, os trabalhos Simões e Lopes (1987) e Moraes (2013) não evidenciaram a presença de conjuntos da Tradição Pocó-Açutuba. Todavia, peças encontradas nas coleções de moradores locais do sítio Urucurituba Velho levantam a hipótese de haver também uma ocupação ceramista relativa à Tradição Pocó-Açutuba (onde talvez haja uma distinção sutil entre as duas Tradições, como no caso das Fases Açutuba e Manacapuru da área de confluência dos rios Negro e Solimões). Quanto aos conjuntos cerâmicos antigos Moraes (2013:237-238) aponta para a existência no Baixo Madeira, de um conjunto similar à Fase Jauarí do Baixo Amazonas, relacionado por Hilbert (1968) ao contexto antigo da Tradição Zonado-Hachurado.

⁴² A discussão sobre a problemática em se trabalhar pautado estritamente no reconhecimento de esquemas classificatórios que definem “tradições”, “fases” ou outras divisões subsequentes, ou mesmo de se trabalhar guiado por tais conceitos, já é bastante recorrente na literatura arqueológica atual, e mostra ser uma preocupação desse campo de pesquisa de modo geral (sendo esta voltada a materiais cerâmicos, líticos ou outros). Tal preocupação se reflete nos estudos produzidos no Brasil (tais como em DIAS 2007; SCHAAN 2007; SILVA 2007; GALHARDO 2010; BARS HERING 2015, entre muitos outros). Segundo Dunnel, “essas noções não devem ser tomadas como um tipo de verdade absoluta, ou mesmo como verdade num sentido mais limitado. Eles são dispositivos heurísticos e nada mais” (DUNNEL 2007:72). De qualquer modo, o termo “tradição” ainda é utilizado na arqueologia brasileira atualmente, e não deve ser mais compreendido como representante de sociedades homogêneas, coesas ou massificadas. Como aponta Neves (2010), as categorias de “Tradição” e “Fase” podem funcionar na Arqueologia Amazônica, desde que sejam pensadas junto com outros elementos, como os aspetos contextuais.

Entretanto, as datas conseguidas pelo autor para esse conjunto apontaram para um período por volta de 900 A.D, ou seja, bem mais recente que o esperado. Um dos objetivos das próximas etapas de pesquisa será testar essa hipótese sobre a ocorrência de conjuntos antigos no Baixo Madeira e, caso confirmada, permitirá a comparação de tais conjuntos antigos como aqueles registrados em outras áreas.



Figura 11: Um dos elementos definidores desses conjuntos antigos é a presença de rebuscados apliques zoomorfos. Nessa figura vemos uma breve comparação entre os apliques de outras Fases desse horizonte antigo e entre os apliques encontrados nas coleções de moradores do sítio Uricurituba Velho. a) Apliques da Fase Itacoatiara (HILBERT 1968:219), b) apliques da Fase Açutuba (LIMA 2008:44), c) fotos de apliques provenientes das coleções de moradores da comunidade Uricurituba Velho. (Fotos: Thiago Trindade).

Os materiais da Tradição Borda Incisa no sítio Uricurituba Velho têm bastante similaridade com aqueles descritos por Moraes (2013) para a Fase Axinim. Isto implica que o material apresenta, de alguma maneira, aspectos semelhantes aos das Fases Manacapuru (presença de cauixi e vasos naviformes) e Paredão (presença de cauixi, pedestais, tripés e vasos naviformes). A Fase Silves do Baixo Amazonas, é ainda pouco conhecida (identificada por SIMÕES e MACHADO 1987 em apenas três sítios, sendo um deles multicomponencial), por isso muito pouco pode ser dito até o momento sobre sua relação com o material do Baixo Madeira. Os materiais classificados por Zuse como pertencentes à Tradição Borda Incisa no Alto

Madeira teriam também características semelhantes às das cerâmicas Manacapuru e Paredão. Todavia, segundo a autora, o material chamado de “cerâmicas das ocupações mais recentes nas ilhas a montante”⁴³ parece ser mais próximo tecnologicamente às cerâmicas Paredão e Axinim. Mesmo assim, essas semelhanças seriam sutis, como a presença de pedestais e vasos com gargalo.

A cerâmica policroma Alto Madeira (Fase Jatuarana), apresenta algumas peculiaridades em relação às demais fases dessa tradição, como a ausência de flanges mesiais, acanalados menos destacados (mais rasos e estreitos) e pintura frequentemente bicroma (vermelho e branco ou branco e preto). Os materiais policromos no Baixo Amazonas têm apresentado um amplo problema classificatório para os pesquisadores da região, tanto pela grande presença de sítios multicomponenciais, como pela presença de amplos fluxos tecnológicos⁴⁴ entre conjuntos locais e a Tradição Policroma, que resultaram na formação da Tradição Saracá. Em termos tecnológicos, a cerâmica da Fase Borba do Baixo Madeira parece mais similar à da Fase Guarita⁴⁵ (da área de confluência dos rios Negro e Solimões), com ampla presença de flanges mesiais, policromia, acanalados marcados, e determinadas morfologias como os chamados “pratos” e “vasos com pescoço”.

Um elemento bastante frequente em sítios com material policromo do Baixo Madeira são as urnas funerárias antropomorfas, e ao menos três delas foram registradas no sítio Uricurituba Velho. Todavia, essas raramente são registradas na área de confluência do Negro e Solimões, enquanto são frequentes no Baixo Amazonas⁴⁶. No Alto Madeira, essas foram identificadas, até o momento, apenas na área da hidrelétrica de Jirau⁴⁷. Outra hipótese a ser testada nas próximas etapas é a proximidade do material policroma do Baixo Madeira com o de outras regiões - inicialmente esse parece mais próximo ao da área de confluência dos rios Negro e Solimões e Baixo Amazonas do que com o Alto Madeira.

Dos conjuntos artefatuais identificados no sítio Uricurituba Velho, a presença da Tradição Inciso Ponteadada é aquela sobre a qual ainda restam dúvidas, pois uma amostra relativamente pequena foi encontrada, e sua presença no Baixo Amazonas ainda não está clara. A tradição foi identificada na região por Simões e Lopes (1987) como incorporando as Fases Axinim e Curralinho, mas segundo Moraes (2013:147), a Fase Axinim pertenceria à TBI, e a Fase Curralinho não existiria, sendo esse material identificado pelos

⁴³ “Mais recentes”, no caso, do que a Barrancóide.

⁴⁴ Sobre a ideia de fluxos ver DeBoer (1990), Roe (1995) e Barreto (2010). Para a discussão de fluxos tecnológicos ver Belletti (2015a).

⁴⁵ Moraes e Neves (2012:144) sugerem chamar o material da Fase Borba e de outras fases da Tradição Policroma apenas de cerâmica Guarita, anulando assim a diferenciação das fases.

⁴⁶ Apenas uma urna identificada como policroma foi escavada em contexto na área de confluência dos rios Negro e Solimões, entretanto, essa se difere bastante das demais. Segundo Moraes (2006) essa urna apresentaria uma mistura de elementos policromos e da Fase Paredão. Algumas outras urnas são conhecidas nos acervos dos museus de Manaus, mas não há referência clara aos locais onde foram encontradas - muitas apresentam como referência apenas “entorno de Manaus”. Sobre a distribuição das urnas funerárias policromas, ver Belletti (2015a).

⁴⁷ Vasos com cunho aparentemente ritual foram encontrados em outros sítios do rio Madeira, como a vasilha R1 do sítio Ilha de Santo Antônio (ZUSE 2014; SILVA 2015). Contudo, as características tecnológicas afastam a possibilidade de que os mesmos sejam urnas funerárias (BELLETTI 2015a).

autores parte polícromo, parte Axinim. A hipótese a ser testada nas próximas etapas quanto a Tradição Inciso-Ponteadó é a confirmação ou não se sua ocorrência.

A Tradição Regional Saracá (TRS), identificada no sítio Uricurituba Velho, até o momento havia apenas sido registrada no Baixo Amazonas entre o Lago de Silves e as Bacias dos rios Uatumã e Jatapu. Sua identificação no Baixo Madeira amplia significativamente a área de dispersão desses materiais. As próximas etapas de pesquisa devem ampliar o conhecimento sobre a ocorrência desse material na região.



Figura 12: Materiais associados à TRS: À esquerda desenho de vasilha TRS encontrada no Lago de Silves (MACHADO, 1991, prancha II; b), à direita fragmento cerâmico associado à TRS encontrado no sítio Uricurituba Velho, apresentando decoração plástica por meio da técnica do acanalado e pontilhado. (Foto: Catarina Calheiros. Desenho: Raul Melo).

Não foram encontrados no sítio Uricurituba Velho, ou mesmo nos trabalhos de Simões e Lopes (1987) ou de Moraes (2013), materiais que se assemelhem aos demais conjuntos do Alto Madeira identificados por Almeida (2013) e Zuse (2014) (Tradição Jamari; cerâmicas antigas nos sítios Morro dos Macacos I, Foz do Jatuarana e Vista Alegre, e o material Pré-Jaturana). Também não foi encontrado ainda nenhum material similar ao chamado por Moraes (2013) de Hachurado-Zonado.

Essas questões referentes à relação de proximidade tecnológica entre os materiais do Baixo Madeira com regiões adjacentes, bem como a própria multicomponencialidade dos sítios, remete aos dados etnohistóricos analisados. Esses apontaram para uma intensa dinâmica pré e pós-colonial, referente não apenas a redes regionais de troca, como também a existência de sistemas multiétnicos e multilinguísticos (MENÉNDEZ 1981, 1982, 1984 e 1985).

Atualmente a compreensão do processo de formação de sítios multicomponenciais na Amazônia é um tema latente, que vem ganhando cada vez mais espaço na formulação de modelos interpretativos mais amplos. Sítios multicomponenciais foram durante longo período explicados como consequências de processos de reocupação (MEGERS e EVANS 1961), ou de transformações graduais dos estilos cerâmicos (LATHRAP 1970). Na atualidade, a ocorrência de sistemas multiétnicos, redes de troca, fluxos tecnológicos, interações belicosas ou não belicosas, áreas de atividade, entre outros temas, têm sido considerados para explicar o processo de formação desses sítios (ALMEIDA 2013; ZUSE 2014; BELLETTI 2015a e 2015b; BASSI 2016). As próximas etapas do projeto, com ampliação da área de intervenção e da amostragem artefactual, devem discutir os processos de formação e a variabilidade artefactual dos sítios Uricurituba Velho e Terra Preta a partir dessas novas premissas.

Por fim, é preciso destacar, em concordância com Neves (2010:55), que a arqueologia da área de confluência dos maiores formadores da Bacia Amazônica (rios Negro, Amazonas/Solimões e Madeira), onde se localizam os sítios ora apresentados, é fundamental para a compreensão da arqueologia das Terras Baixas, não apenas por ter sido utilizada como referência para elaboração de importantes modelos sobre a ocupação humana na região, mas também pela sua localização estratégica geograficamente (central). Nesse sentido, espera-se ter aqui contribuído com alguns dados e problematizações para os contextos ainda pouco conhecidos do Baixo Madeira.

Agradecimentos

Agradecemos ao editor pelo espaço para publicação e aos pareceristas pelas contribuições trazidas ao manuscrito original.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Fernando. *A Tradição Polícroma no Alto Rio Madeira*. (Tese-Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.
- AMOROSO, Marta. Corsários no Caminho fluvial: os Mura do rio Madeira. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). *História dos Índios no Brasil*, 1992, p.297-310.
- ARQUEOLOGIKA. *Relatório estudo diagnóstico arqueológico interventivo Potássio Amazonas – Alvo Autazes (Autazes/AM)*, 2014.
- BASSI, Filippo. *A maloca Saracá: Uma fronteira cultural no médio Amazonas pré-colonial, vista da perspectiva de uma casa*. (Tese – Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2016.
- BARRETO, Cristiana. *Meios místicos de reprodução social: Arte e Estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. (Tese - Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.
- BARS HERING, Cássia. *O Dilema das “Fronteiras” Geográficas e Culturais ao Norte da Mesoamérica*. (Tese - doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2015. (Tese - doutorado).
- BELLETTI, Jaqueline. *A Arqueologia do Lago Tefé e a expansão Polícroma*. (Dissertação – mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2015a.
- BELLETTI, Jaqueline. Comparações entre morfologias da Tradição Polícroma na calha do alto médio Amazonas: A procura de diferenças nas continuidades. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. Suplemento 20, 2015b, p. 257-264.
- DIAS, Adriana. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas como índices para o estudo de fronteiras e identidades sociais no registro arqueológico. *Ciências Humanas*. Belém: Museu Emílio Goeldi. v. 2, n. 1. 2007, p. 59-76.
- DeBOER, Waren. Interaction, Imitation and Communication as Expressed in Style: The Ucayali Experience. In CONKEY, M. e HASTORF, C. (Edit.) *The uses of Style in Archeology*. Cambridge. Cambridge University Pres, 1990, 151p.
- DOCUMENTO ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA. *Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico, Histórico e Cultural AHE Jirau – Anexo 1: Resgate Arqueológico*. Vol. 12. 2012.
- DUNNELL, R. C. *Classificação em Arqueologia*. São Paulo: Edusp, 2007.
- GALHARDO, Danilo Alexandre. *Tecnologia Lítica: Estudo da variabilidade em Sítios Arqueológicos do Nordeste do Estado de São Paulo*. (Dissertação-Mestrado). MAE-USP, 2010.
- GOLTE, Jürgen. Construcción de sentido en una cosmovisión o novela policíaca: la secuencia del entierro en la iconografía. In: *XIX Reunión anual de etnología (Anales de la reunión anual de etnología)*. La Paz: Museo nacional de etnografía y folklore - MUSEF, p. 757-806, 2006.
- HAYS - GILPIN, Kelley Ann e HILL, Jane H. “The Flower World in Material Culture: An Iconographic Complex in the Southwest and Mesoamerica”. *Journal of Anthropological Research*, 55, n.1, p.1-37, 1999.

- HILBERT, Peter Paul. Preliminary results of archeological investigations in the vicinity of the Mouth of the Rio Negro, Amazonas. *Actas del 33º Congreso Internacional de Americanistas*, v. 2, p. 370-377, 1958.
- HILBERT, Peter Paul. *Archäologische Untersuchungen am mittleren Amazon*. Berlin. (Marburger Studien zur Volkerkund, 1), 1968.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Mura*. Fonte disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt>. Acesso em: 4 de fevereiro de 2016.
- LATHRAP, Donald. *El Alto Amazonas*. Lima: Chätäro Editores. 2010 (1970).
- LIMA, Helena e COSTA, Fernando. Levantamento Arqueológico do Médio Amazonas. *Relatório encaminhado para o IPHAN*. Manaus, 2004.
- LIMA, Helena e COSTA, Fernando. Levantamento Arqueológico no Município de Manaus/AM. *Relatório encaminhado para o IPHAN*. Manaus, 2007.
- LIMA, Helena. *A História das Caretas. Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. (Tese - doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2008.
- LIMA, Helena. (Org.). *Fronteiras do passado: Aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do Baixo Rio Urubu*. EDUA. Manaus, 2013.
- LOPES, Rafael. *Presença e dispersão da Tradição Polícroma da Amazônia (TPA): um estudo arqueológico comparativo entre o médio rio Solimões e o médio-Baixo rio Negro (AM)*, (Relatório parcial de iniciação científica FAPESP), 2015.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. *The Human Body and Ideology: concepts of the Ancient Nahuas*. (2 vols). Salt Lake City: University of Utah Press, 1988.
- LÓPEZ AUSTIN, Alfredo. Difrasmos, cosmovisión e iconografía. *Revista Española de Antropología Americana*, vol. Extraordinario, 2003, p.143-160.
- MACHADO, Ana Lúcia. *As tradições ceramistas da Bacia amazônica: uma análise crítica baseada nas evidências arqueológicas do médio rio Urubu (AM)*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1991.
- MATHIOWETZ, Michael. *The Diurnal Path of the Sun: Ideology and Interregional Interaction in Ancient Northwest Mesoamerica and the American Southwest*. (Tese – Doutorado). University Of California Riverside, 2011.
- MEGGERS, Betty e EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: *Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology*, Samuel Lothrop, ed. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1961, p. 372-388.
- MENÉNDEZ, Miguel. Uma Contribuição para a Etno-História da Área Tapajós-Madeira. *Revista do Museu Paulista*, XXVIII, p. 289-388, 1981/1982
- MENÉNDEZ, Miguel. Contribuição ao Estudo das Relações Tribais na Área Tapajós-Madeira. *Revista de Antropologia*, 27/28, p. 271-286, 1984/1985.

- MENÉNDEZ, Miguel. A área Madeira-Tapajós: situação de contato e relações entre colonizadores e indígenas. In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). *História dos Índios no Brasil*, 1992, p. 281-296.
- MENÉNDEZ, Miguel. *Banco de dados com informações sobre os sítios do PRONAPABA*. Não publicado, 1979.
- MENÉNDEZ, Miguel. *Inventário Arqueológico da Bacia e Sub-Bacias do Rio Madeira, 1974-1987*, CNE, 1987.
- MILLER, Eurico et al. *Arqueologia nos Empreendimentos Hidrelétricos da Eletronorte*. Brasília, Eletronorte, 1992.
- MONGELÓ, Guilherme. *O formativo e os modos de produção: ocupações pré-ceramistas no Alto Rio Madeira-RO*. (Dissertação - mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.
- MORAES, Claide. *Arqueologia da Amazônia Central vista de uma perspectiva da região do Lago do Limão*. (Dissertação - mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2006.
- MORAES, Claide. *Amazônia ano 1000: Territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. (Tese - doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2013.
- MORAES, Claide e NEVES, Eduardo. O ano 1000: Adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central. *Amazônica*. V. 4 (1), p. 122-148, 2012.
- NEVES, Eduardo, GUAPINDAIA, Vera; LIMA, Helena; COSTA, Bernardo e GOMES, Jaqueline. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: STÉPHEN Rostain. (Org.). *Amazonía: Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica*. 1ed. Quito, 2014, p. 137-156.
- NEVES, Eduardo. A arqueologia da Amazônia Central e as classificações na arqueologia amazônica. In: PERREIRA, Edith e GUAPINDAIA, Vera. (Eds.). *Arqueologia Amazônica 1*. Belém. Museu Paraense Emilio Goeldi, 2010, p. 53-72.
- NEVES, Eduardo. *Sob os Tempos do Equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC – 1.500 DC)*. (Tese - Livre Docência). MAE, USP. 2013.
- PY-DANIEL, Anne. *Arqueologia funerária na calha do rio Amazonas*. (Tese-Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2015.
- OLIVEIRA, Erêndira. *A Variabilidade tecno-estilística da Tradição Polícroma da Amazônia: Um estudo exploratório da Iconografia Guarita*. (Memorial de Qualificação de Mestrado). Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- ORTMAN, Scott. Conceptual Metaphor in the Archaeological Record. *American Antiquity*, 65(4), p. 613-645, 2000.
- ORTMAN, Scott. *Steps toward a Cognitive Science of Prehistory*. Palestra dada em 15 de abril de 2011 no evento April Science Board Symposium, Universidade de Santa Fe. Disponível em: <http://www.santafe.edu/research/videos/play/?id=94861850-de36-4314-917b-a37a6f2ea954>. Acesso em: 14 de setembro de 2011.

- PERRONE-MOISÉS, Beatriz. Índios livres e índios escravos: princípios da legislação indigenista no período colonial (séculos XVI a XVIII). In: CARNEIRO DA CUNHA, Manuela (Org). *História dos Índios no Brasil*, 1992, p. 115-132.
- PORRO, Antônio. *Dicionário Etno-Histórico da Amazônia Colonial*. São Paulo: IEB/USP, 2007.
- ROE, Peter. *Style, Society, Myth and Structure*. In: CARR, C. e NEITEL, J. (Eds.). *Style, Society and Person*. New York and London: Plenum Press, 1995, p. 27-75.
- RILEY, Carroll L. *Becoming Aztlan: Mesoamerican Influences in the Greater Southwest, AD 1200-1500*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2005.
- SCHAAFSMA, Polly. *Warrior, Shield, and Star: Imagery and Ideology of Pueblo Warfare*. Santa Fe: Western Edge Press, 2000.
- SCHAAFSMA, Polly. Feathered Stars and Scalps in Pueblo IV. In: FOUNTAIN, John W. e SINCLAIR, Rolfe M.(eds.). *Current Studies in Archaeoastronomy: Conversations across Time and Space*. Selected Papers from the Fifth Oxford International Conference at Santa Fe, 1996. Durham: Carolina Academic Press, 2005, p. 191-204.
- SCHAAFSMA, Polly e SCHAAFSMA, Curtis F. Evidence for the Origins of the Pueblo Katchina Cult as Suggested by Southwest Rock Art. *American Antiquity* 3, 4, 1, p. 535-545, 1974.
- SCHAAFSMA, Polly; WEBSTER, Laurie D.; HAYS-GILPIN, Kelley A. A New Look at Tie-Dye and the Dot-in-a-Square Motif in the Prehispanic Southwest. *Kiva*, v. 71, n. 3, p. 317-348, 2006.
- SCHANN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das fases e tradições. *Ciências Humanas*. Belém: Museu Emílio Goeldi. v. 2, n. 1, p. 77-89, 2007.
- SCIENTIA CONSULTORIA CIENTÍFICA. *Projeto de Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antônio, RO*. São Paulo, 2008.
- SILVA, Cliverson. Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no Alto Rio Madeira. (Dissertação – Mestrado). UFPA. 2015.
- SILVA, Fabíola. O significado da variabilidade artefactual: a cerâmica dos Asurini do Xingu e a plumária dos Kayapó-Xikrin do Catete. *Ciências Humanas*. Belém: Museu Emílio Goeldi. v. 2, n. 1, p. 91-103, 2007.
- SIMÕES, Mário. Contribuição a arqueologia dos arredores do Baixo Rio Negro, Amazonas. *Publicações avulsas*. N 26. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi. 1974.
- SIMÕES, Mário. Pesquisa e cadastro de sítios arqueológicos. *Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Belém, n.38, p. 05-100, 1983.
- SIMÕES, Mário e CORRÊA, Conceição. Pesquisas Arqueológicas no Uatumã/Jatapu (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, v.4, n. 1, p. 29-48, 1987.
- SIMÕES, Mário e MACHADO, Ana Lúcia. Pesquisas Arqueológicas no Lago de Silves (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, v.4, n. 1, p. 29-48, 1987.

- SIMÕES, Mário e LOPES, Daniel. Pesquisas arqueológicas no Baixo/médio Rio Madeira (Amazonas). *Revista de Arqueologia*, v. 4, n.1, p. 117-133, 1987.
- TAMANAHÁ, Eduardo. *Ocupação policroma no Baixo e médio rio Solimões, estado do Amazonas*. (Mestrado-Dissertação). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2012.
- TAUBE, Karl. The Breath of Life – The Symbolism of Wind in Mesoamerica and the American Southwest. In: TAYLOR, Victor Z. e FIELDS, Virginia. *The Road to Aztlan – Art from the mythic homeland*. L.A.: Los Angeles County Museum of Art, 2001, p. 102-123.
- TAUBE, Karl. Gateways to another World: The Symbolism of Supernatural Passageways in the Art and Ritual of Mesoamerica and the American Southwest. In: HAYS-GILPIN, K. e SCHAAF SMA, P. (eds). *Painting the Cosmos: Metaphor and Worldview in Images from the Southwest Pueblos and Mexico*. Flagstaff: Museum of Northern Arizona, 2010, p.73-120.
- TAUBE, Karl e HOUSTON, Stephen. An Archaeology of the Senses: Perception and Cultural Expression in Ancient Mesoamerica. *Cambridge Archaeological Journal*, 10, p. 261-294, 2000.
- TIZUKA, Michele. Geoarqueologia e Paleohidrologia da Planície Aluvial Holocênica do rio Madeira entre Porto Velho e Abunã. (Dissertação-Mestrado). Departamento de Geologia, UNESP-Rio Claro. 2013.
- TRINDADE, Thiago. A expansão da Tradição Policroma da Amazônia um estudo de caso sobre as cerâmicas da Fase Guarita dos sítios Hatahara (Iranduba-AM) e São Paulo II (Coari-AM), (Relatório final de iniciação científica FAPESP), 2009.
- VALLE, Raoni. Levantamento etnoarqueológico em terras indígenas na Bacia Amazônica. *Relatório Parcial*. INPA. Manaus. Inédito, 2005.
- YOUNG, Mary Jane. *Signs from the Ancestors: Zuni Cultural Symbolism and Perceptions of Rock Art*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1988.
- YOUNG, Mary Jane. Morning Star, Evening Star: Zuni Traditional Stories. In: Williamson e Farrer (eds.). *Earth and Sky: Visions of the Cosmos in Native American Folklore*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1991.
- ZUSE, Silvana. *Ocupações pré-coloniais e variabilidade cerâmica nos sítios arqueológicos do Alto rio Madeira, Rondônia*. (Tese-Doutorado). Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. 2014.

Recebido em:15/04/2016
Aprovado em:11/05/2016
Publicado em:22/06/2016